

Um problema de demonologia linguística:
gal. *proviso*, port. *proviço*, cast. *provizo* ‘diabo’
mais *proviceiro* / *provicero* ‘feiticeiro’

JOSEPH M. PIEL

Estamos em presença de um antiquíssimo termo hispânico, que se conservou vivo apenas em certas zonas do galego, as quais conviria circunscrever com maior rigor do que se tem feito¹. Mais do que um investigador já se deixou tentar pelo problema da sua etimologia, como muita boa alma pelo espírito mau que a palavra designa: o *demo*, sob todas as formas de que se possa revestir.

A discussão etimológica à volta de *proviço*² nasceu ha anos, em 1947, levantada por Serafim da Silva Neto na sua edição de uma obra agiológica de André de Resende, “A santa vida de Frei Pedro”³. Possui uma carta do malogrado amigo e colega brasileiro, datada de 5 de Janeiro de 1948, em que me pedia a minha opinião sobre a possível origem de *proviço*, sugerindo: “terá relação com *provar*, no sentido de experimentar? Ou seria, primeiro **troviço*, de *trovar* (arc.) < TURBARE?”. Se bem me lembra, respondi-lhe que achava pouco aceitáveis ambas estas alternativas, sugerindo outras, que deveriam corresponder substancialmente às que constam do presente artigo.

Diga-se desde já que na referida altura Silva Neto estava convencido de que a ocorrência de *proviço* na obra de Resende constituía um caso único —um “hapax legomenon”—⁴, quando na realidade se tratava de um termo corrente, embora com certa raridade, em outros textos antigos, continuando viçoso, segundo já notei, em determinados falares galegos dos nossos dias. A ocorrência de *provizo* nas “Cantigas de Santa Maria”, de Afonso X, foi posta em devido relevo por W. Mettmann numa miscelânea publicada em 1962⁵, tratando-se da cantiga n.º 59 que relata como uma

¹ Veja-se a este propósito Ricardo Carballo Calero, no n.º 33 (1971), de “Grial”, p. 381, e no mesmo número, p. 355-57, o sugestivo artigo de Maria do Carmen García, “O Proviso”, relato de como este *demo* apareceu a um pescador, contado pela própria mulher deste; um dos numerosos testemunhos da sobrevivência de uma velha crença popular.

² Além da forma normal galega *proviso*, J. S. Crespo Pozo averba ainda a variante local (Padrón) *perviso*; cf. “Contrib. a un vocabulario castellano-gallego” (1963), p. 252. Carballo Calero alude também à pronúncia *porviso*.

³ Ver a rigorosa recensão crítica a esta obra, de M. de Paiva Boléo, *RPF* II (1948), pp. 340-350.

⁴ Assim o julga ainda num breve artigo publicado nos seus “Ensaio de Filologia portuguesa” (1956), pp. 173-76.

⁵ “Lexikalisches und Etymologisches aus den *Cantigas de Santa Maria*”, *Roman. Forsch.*, t. 74 (1962), p. 52 s.

virtuosa monja foi tentada pelo *provizo*, o qual “fez que se namorou do cavaleir[o]” (versos 49-51), dispondo-se a abandonar o convento. Lembrou Mettmann também que a voz em apreciação figura igualmente num texto castelhano, num dos manuscritos do “Fuero Juzgo”, concretamente num passo em que se condenam “...los que fablan con los *provizos*, e les fazem torvar las voluntades a los omnes e a las muieres...”, e onde os outros manuscritos dizem *diablos*, e o original latino explica: “...vel ii qui per invocationem *daemonum* mentes hominum turbant...”. Uma outra abonação galaega antiga da nossa palavra fornece-a a “Historia Troyana”, a p. 117 da edição de Kelvin M. Parker: “Et acham y —scil. na terra de Pionja— moyta[s] estrayas maravillas et moy desvariadas, et õmes de moytas maneyras, et bestias et *prouyços* et outrosi aves de moytas maneyras”. No glossário respectivo o editor sugere a interpretação de ‘duende, trasgo’, já entrevista por Mettmann (‘Geist’, ‘Kobold’) graças a uma comparação do trecho referido com o correspondente do original francês, o “Roman de Troie”, onde se lê: “Quar es forez e es montaignes / Veit l’om *folez* e *satereaus*”, quer dizer ‘duendes’ e ‘satirinhos’.

Voltando ao problema da origem de *proviço* / *provizo*, diremos que Silva Neto não pensou apenas nas duas hipóteses acima aludidas, quer dizer *provar* e **troviço*⁶, sugerindo ainda outras, ou seja uma alteração da voz *provinco*, sinónima de *proviço*, a qual por sua vez constituiria um derivado de *prove* = *pobre*, no sentido de ‘miserável’, ou procederia do lat. *PROBRUM* ‘infame’, através de **PROBITIVU*, ou se trataria do lat. *PRAVUS*, com interferência de *pobre* / *prove* ou de *provinco*. Como se vê, não s̃o as hipóteses que faltam, mas todas elas pecam por uma manifesta ausência de demonstração autêntica e de verossimilhança científica. Não menos gratuita vem a ser a fantástica ideia de Alexandre do Amaral, que pretendia reconhecer em *proviço* a condensação de uma expressão jocosa *prova-noviço*, surgida, sem se saber onde e quando, na gíria conventual⁷.

Mais consistente, e à primeira vista quase convincente, se revela a etimologia de *proviço*, proposta por Mettmann⁸ ao referir-se a *proviceiro*, derivado que logo nos ocupará. Tratar-se-ia do lat. *PROPITIUS* ‘propício’, termo usado em latim nomeadamente nas invocações às divindades. No ponto de vista da fonologia histórica, tal identificação não deixaria de ser formalmente perfeita, e eu próprio já tinha pensado numa interjeição *PROPITIUM HABEAS*, subentendendo-se *DIABOLUM*, com o fim de conjurar o espírito do mal, expressão de que só teria persistido elipticamente o primeiro termo. É este também, mais ou menos, o pensamento de Mettmann quando insinua que por esta via *PROPITIUM* poderia ter passado a empregar-se como eufemismo relativo ao temido *avessairo*, para empregar uma forma medieva de *ADVERSARIUS*.

Pensando melhor nesta hipótese, quer ela me parecer menos plausível

⁶ Pergunto se teria realmente existido uma forma antiga **trovar* como variante de *torvar*.

⁷ Como imaginar, com efeito, que aquela suposta palavra composta tivesse podido evoluir tão violentamente para *proviço*? Cf. ainda a substanciosa resenha ao artigo de Amaral —publicado na revista “Estudos”, em 1949— de Paiva Boléo, *RPF* II (1948), pp. 364-66.

⁸ No trabalho apontado na nota 5.

que a princípio. Como conceber, com efeito, que num meio cristão — e sabe-se com que energia a Igreja soube estirpar qualquer reminiscência do paganismo —⁹, alguém, a não ser um nefando *proviceiro*, quisesse admitir a sacrílega protecção do próprio diabo, como no “Fausto”? Existem inúmeros eufemismos aplicados ao demo, mas nenhum que dê lugar à ideia de propiciação por parte dele, pois todas as interjeições que entram neste contexto são, como é natural, de estricte repúdio: *ápaga, tarrenego, fúgi-te, arreda, safá, irra, axopra, sume-te* ou *some-te*¹⁰ e possivelmente outros esconjuros deste género, como a expressão de que *o diabo seja surdo*. Impossível de referir aqui os inúmeros eufemismos e termos velados — em parte injuriosos e quase sempre de cunho popular —, nascidos do terror congénito que inspira o figadal Inimigo, a começar pelo próprio termo *diabo*, de que se conhecem variantes matizadoras como *diacho, dianho* (gal. *dieño*), *dialho, diangas, diangras, diantre*, etc. Por outro lado, caberia lembrar metáforas destemidas de desprezo conjuratório como *cabrão, bode preto, porco preto* (ou *sujo*), ou, mais atenuadas, *coisa ruim, malfadado*¹¹.

Posto de parte assim todo um feixe de tentativas etimológicas respeitantes a *proviço* — devem ser mais de meia dúzia —, resta optar por uma explicação de mais sólidos alicerces, a qual se me afigura dever buscar-se num primitivo derivado de PROVIDERE na normal acepção de ‘ver diante de si’: *PROVID-ICIUS, adjectivo que se poderia traduzir por ‘que tem o condão de nos aparecer’. Estava Carballo Calero na boa pista da solução do nosso

⁹ Escusado será lembrar o conhecido caso da radical substituição, em português, da nomenclatura pagã dos dias da semana pela terminologia da Igreja (SECUNDA FERIA = *segunda feira*, etc.), da iniciativa, creio eu, de S. Martinho de Dume (Braga). Inútil também invocar os não menos conhecidos casos do astur. -gal. -port. *xana / jana / jā* e do fr. *lutin*, quer dizer da sobrevivência de DIANA e NEPTUNO, graças apenas a uma aguda depreciação semântica e integração no mundo mágico cristão popular.

¹⁰ Estes exemplos foram tirados das “Lições de Filologia Portuguesa”, de Leite de Vasconcelos, 2.^a ed. (1926), p. 399 s. Sobre *xopra / axopra* = *sopra* ver ainda os seus “Opúsculos” I (1928), p. 376 e 378, expressão alusiva ao simbólico ritual da cerimónia do baptismo, na qual o sacerdote sopra três vezes sobre o rosto do batizando, pronunciando o esconjuro EXI AB EO: “sai dele!” (scil. demónio). Sobre *inimiguete* e *diabrete* ver “Opúsc.” II, p. 494. Muito curioso o eufemismo brasileiro *não-sei-que-diga* (“Novo Dicionário Aurélio”), um autêntico tabo, que lembra o dito alemão “Wenn man den Teufel nennt / kommt er gerennt”: “Só a falar no diabo / lá vem ele a correr”, bem como o substantivo-frase *Gott-sei-bei-uns* (escrito sem hífen): “Deus esteja conosco”! É de supor que o *mico* minhoto não passa de uma reminiscência do lat. (AB) INIMICO, ouvido na igreja, enquanto que o eufemismo *tanás* procede evidentemente de *Satanás*, com acentuação curiosa, aliás, na segunda sílaba.

¹¹ Constituem igualmente adaptações transparentes a protótipos cultos as formas populares port. *lusbel* (LÚCIFER, também com transposição do acento), assim como *berzebu / berzabu / berzabum* = *belzebu* (hebr. BEELZEBUB). Continua de origem incerta o termo característico hispânico (gal. -por. -cast.) *trasgo / trasno*, não obstante o seu aturado estudo, em mais de três colunas, por Corominas, vol. IV, p. 534 a - 556 a, como acontece com *bruxo / brujo*, com a inevitável *bruxa / bruja* “de origen desconocido, seguramente prerromano” (Vol. I, 530, art. *bruja*, com vastos comentários). Vem a ser um enigma não menor o termo popular português, bem vivo, *mafarrico* (var. *manfarrico*), que se chegou a comparar com o açor. *mafoma* ‘escultura grande e tósca, que figura homem e mulher’ (Dic. de Cândido de Figueiredo), dificilmente separável do nome homónimo do Profeta, *Mafoma* = *Maomé*. Sobre mais nomes do diabo em galego, ver ainda Crespo Pozo, “Nueva Contribución”, p. 430 s. e 484, art. *demonio* e *diablo*.

problema quando, na sua breve, mas substanciosa achega (cf. nota 1), comentava: “Semelha claro que o significado primitivo da voz galega —scil. proviso— foi *visión*, *visión* de outro mundo, *visión* témera, *visión* arripiante, espírito maléfico, demancho, diaño, e chegou a usarse metafóricamente para designar unha persoa fea [...]. Así que semella que a etimoloxía ten por base o participio de *VIDEO*”. Nada mais justa, com efeito, do que aquela sugestão semântica. Note-se também que tanto na “Crónica Troyana” como no “Fuero Juzgo” a forma *provizos* implica uma pluralidade diabólica, uma visão de *diabruras* a la Jerónimo Bosch, com gradações que iriam do próprio diabo “em pessoa” até ao mais modesto *diabrete* da categoria dos *duendes*, (gal.) *sumicios* ou *demachiños*, pluralidade como ela se manifesta, p. ex., na locução interjectiva *com todos os diabos!*

No que se refere à base etimológica de *proviço* / *provizo*, parece por outro lado evidente que ela não pode residir no simples participio perf. *PROVISUS*, visto que o -s- da forma galega *proviso* não passa de uma grafia aberrante do antigo -z- = -ç-, como bem explicou Carballo Calero¹². Em contrapartida, uma formação latina **PROVID-ĪCIUS*, ou antes **PROVĪS-ĪCIUS*, satisfaria tanto fonológica como morfológicamente às exigências de uma etimologia convincente, independentemente, claro, do já aludido argumento semântico. A justificação encarada recebe, aliás, uma irrefutável confirmação pelo port. pop. *abujão*, aliás *abusão*, sinónimos perfeitos de *proviço* que vêm a ser variantes inovadoras de um primitivo e igualmente ainda vivaz *avejão* / *vejão*, gal. *avexón*, contaminado por *abusar*. Por seu lado, *avejão* remonta com toda a evidência a um modelo lat. **AD-VĪSIO*, -*ŌNE*(M), composto de *VĪSIO* ‘ação de ver’, que se reconhece também no francês ant. *avisun* ‘visão, aparição nocturna’¹³.

A interferência de *abusar* nos destinos de *avejão* = gal. *avexón* não pode surpreender se nos lembrarmos do tradicional papel do *proviço* de enganar os homens. Existem com efeito poucos cruzamentos de palavras tão transparentes como este. Acresce que *avejão* foi outrora do género feminino —“Eis vem a negra abujão”, lê-se em D. Francisco Manuel de Melo— (cf. o Dicion. de Caldas Aulete), quer dizer conforme com o de (AD-)VĪSIO.

Que eu ainda hesite entre os dois supostos protótipos latinos, **PROVID-ĪCIUS* e **PROVĪS-ĪCIUS*, tem as razões seguintes, de ordem morfológica. No que toca à primeira hipótese, não é normal, na tradição clássica latina, de o sufixo -*ĪCIUS* se agregar a um tema do infinitivo¹⁴. É verdade que se poderia

¹² “A distinción hoxe é meramente ortográfica. Ao perder as africadas o elemento occlusivo [...] produxéronse moitas confusions na grafía”.

¹³ Ver Piel, “Miscelânea de etimologia portuguesa e galega” (1953), p. 55-57. A conexão do gal. *avexón* com *visión* / *visão* já foi vislumbrada pelo P. Sarmiento, que escreve: “En Tuy y Pontevedra se llama la *fantasma* o espectro de noche *avexon*, esto es, v. g., umha *visión* á *vixón*, *avixon*” (“Catálogo de voces y frases...”, ed. J. L. Pensado, p. 450, f. 230 r, o qual a pág. 90 faz observar que “No parece haberse conservado la palabra en gallego”, contrariamente ao que acontece em certos falares portugueses. Os referidos regionalismos portugueses já deram azo a um lema próprio *visio*, -*ŌNE* no *REW* de Meyer-Lübke, art. 9376 a, com referência a Cornu. Note-se ainda que nas “Cantigas de Sta. Maria”, n.º 345, ocorre, no título, *en visón* = ‘em sonho’.

¹⁴ Não confundir com -*ĪCIUS*, com -i- breve, embora estes dois sufixos se tenham fundido na evolução tardia, românica.

eludir esta dificuldade admitindo um vulgarismo que escapa a esta norma, ou, mais plausivelmente, interpretando *PROVID-ĪCIUS como sendo um derivado de PROVIDUS 'que prevê o futuro'¹⁵. A segunda alternativa, *PROVĪS-ĪCIUS justificar-se-ia desde que admitamos na sua evolução fónica um acidente haplológico que levasse à pronúncia *PROVĪCIUS. Confesso que não vejo meio de sair desse dilema, embora incline mais para a segunda solução. Seja como for, estamos com certeza em presença de um derivado em -ĪCIUS, de preferência do tipo representado por EMPT-ĪCIUS, MISS-ĪCIUS, ADCRIPT-ĪCIUS, ADVENT-ĪCIUS, etc.¹⁶, merecendo ser realçado FACT-ĪCIUS 'feito artificialmente', por nesta forma se radicar sabidamente *feitico*, cast. *hechizo*, de estreita afinidade semântica com *proviço*, como de resto acontece com *enguicho*¹⁷, e de certa maneira também com *postiço*.

Ficou para trás o problema do regionalismo (beirão e açoriano) *probinco*, na acepção sinonímica de *proviço*, concretamente de 'diabo', e secundariamente de 'criança irrequieta', *endiabrada*, que "tem o diabo no corpo"¹⁸. Na tradição escrita antiga, esta forma *provinco* apresenta exclusivamente a significação do seu étimo latino, ou seja PROPINQUUS 'próximo, parente'¹⁹. Quer parecer-me que esta voz, no período do seu declínio, chegaria a servir também de eufemismo de *proviço*, motivado por uma vaga homonímia, além talvez dum sentimento subjacente da omnipresença, da "propinquidade", do demónio. Não me pode convencer, por me parecer artificiosa, a sugestão de Silva Neto de ser ao contrário *proviço* uma deformação de *provinco*, "que do significado original de 'parente' passaria a significar 'parente de Satã', e depois o próprio diabo"²⁰.

Depois do que ficou dito, inútil se torna insistir na verdadeira significação e etimologia de *proviceiro* / *provicero* (*proviciero*), um manifesto derivado de *proviço* na acepção de 'indivíduo que tem comércio com espíritos malignos: "...ii qui per invocationem daemonum mentes hominum turbant", chamados também *malefici*, no "Fuero Juzgo", segundo bem demonstrou Mettmann na nota acima referida. Temos, pois, de abandonar tanto a sugestão de Corominas (*DCELC* II, 997b, art. *infante*), de que se trataria por

¹⁵ Os dicionários abonam o exemplo de PROVIDUS RERUM FUTURARUM, ocorrente em Cícero.

¹⁶ Ver M. Leumann, "Lateinische Laut- u. Formenlehre" (1963), p. 213.

¹⁷ Retomei o problema da etimologia de *enguicho* e *enguichãr* em "Mélanges [...] offerts à Maurice Delbouille" (1964), p. 463-67.

¹⁸ Cf. Leite de Vasconcelos, "Tradições populares de Portugal" (1882), p. 315, beir. *provinco*, e Teófilo Braga, "O povo português", 2 (1885) p. 191, açor *provinco mau* ("usa-se para repreender as crianças"). No contexto dramático "Çapateiro com o Dragão, II Diabos e dois *provincos*" o nosso vocábulo refere-se manifestamente a dois diabos de segunda categoria.

¹⁹ Ver o "Elucidário" de Viterbo, que conhece *provinco* com a variante *pervinco* apenas na acepção de 'parentela, linhagem, geração', a qual ressaí também, como sendo a única, das abonações respectivas no léxico crítico de Ramón Lorenzo, "Sobre cronologia do vocabulário galego-português", s. v. Trata-se evidentemente de uma adaptação semi-popular do *propincus* = PROPINQUUS das escrituras dos tabeliães medievos, onde ocorre entre outras a expressão de *provincos parentes*. O apelido (segundo) *Provinco* (Anuário Telef. de Madrid), admitiria, em princípio, ambas as significações inerentes a *provinco*.

²⁰ Cf. "Ensaio de filologia portuguesa" (1954), p. 174.

ventura de uma alteração de **profeciero* 'vaticinador'²¹ —o sentido de *provicero* é sensivelmente diferente do de *agorero*—, como a ideia de existir alguma conexão da nossa palavra com o verbo lat. PROFICĒRE 'favorecer' (ant. cast. *provecer* 'aumentar'), encarada por V. García de Diego no DEEH, art. 5229.

Se *proviceiro* (como *proviço*) desapareceu, salvo melhor informação, do léxico comum português, a forma do feminino sempre deixou vestígios no léxico toponímico. Chama-se *Preguiceiras* uma terra da freg. de Gandarela, no conc. de Guimarães, denominada outrora *Campo de Proviceira*²². A forma moderna acusa a interferência de *preguiça* numa altura em que *proviceira* se tornou termo obsoleto, cedendo o lugar a *feiticeira* ou *bruxa*, vozes também ocorrentes na toponímia actual: *Azinhaga da Bruxa*, em Lisboa, *Travessa das Bruxas*, em Carnide, (além dos vários *Casal, Quinta, Azinhaga do Bruxo*), *Feiticeira (Montinho da~, Quinta da~, conc. de Alandroal e Lisboa)*, *Feiticeiras (Quinta das~, Fazenda das~, conc. de Viseu e de Montemor o Novo)*. Na toponímia medieval temos já uma *presa de proviceyra* nas Inquirições de 1258, p. 696b. É natural que também os *meigos* e as *meigas*²³ estejam presentes algures na nomenclatura geográfica.

Chegámos assim, através de um labirinto de especulações etimológicas, à certeza de que *proviço* tem as suas raízes no lat. PRO-VIDĒRE na acepção literal de 'ver diante de si', e não na normalmente consignada de 'prover, providenciar', através de um derivado em -ĪCIUS, com grande probabilidade *PROVĪS-ĪCIUS, quer dizer com base em PROVĪSUS, sem totalmente excluir um protótipo *PROVID-ĪCIUS. O sentido primitivo de *proviço* teria sido o de 'visão do outro mundo', aplicado especialmente, num ambiente cristão, ao demónio, a mais temida das aparições²⁴. Tanto a análise fonológica como a semântica do nosso vocábulo conjugam-se para garantir a solidês desta explicação, subsidiariamente confirmada não só por *avejão* < *AD-VĪSI-ŌNE 'visão', mas ainda pelos antecedentes semânticos lat. SPECTRUM 'espectro', relacionado com SPECTARE 'olhar', e o greco-lat. PHANTASMA = port. pop. *avantesma*, radicado no adj. verbal φαίνω, de φαίνω 'aparecer'.

²¹ Corominas tinha ainda dúvidas quanto à real existência do vocábulo *provicero*.

²² Nas "Inquirições" de 1258, p. 694 a, figura um *casale Fernandi Provisci*, quer dizer um sobrenome *Proviço*, com forma alatinada, flectida, o qual se poderia comparar com os apelidos modernos *Diabão* e *Diabinho* (na Lista telefónica de Lisboa, de 1977). No entanto, não se deve confundir aquele antropónimo com o nome próprio único de uma testemunha *Provitius*, que consta de um documento de 933 ("Dipl. et Chartae", p. 25), prendendo-se com o lat. PROFICIUS, averbado por Kajanto, p. 116 e 286, quer dizer um derivado de PROFICĒRE.

²³ Cabe lembrar que também estes relictos do lat. MAGĪCUS, substantivado, são exclusivos, no contexto românico, das zonas do noroeste da Península.

²⁴ Que os *proviços*, que atropelavam o pobre do Frei Pedro, segundo o relato de André de Resende, e dos quais se defendia como podia —cf. p. 149: "Eia, *proviços*, mando-vo eu!"—, não morreram de todo, na consciência dos Fieis, demonstra-o um recente caso de exorcismo, com funestas consequências, que fez o pasto da imprensa internacional, ávida de escândalo. Foi esta mentalidade que garantiu também o êxito do filme americano intitulado precisamente "O Exorcista".

Nota final

Depois de já composto este artigo, a Redacção de “Verba” chamou a nossa atenção para dois adjectivos antigos que, embora só indirectamente, completariam o que foi escrito. Trata-se do ant. gal. e cast. *anviso*, já averbadó no REW de Meyer-Lübke, art. 502, sob o lema *ANTEVĪSUM —cf. também o hapax gal. *anteviso*— ‘sábio, entendido’, literalmente ‘previdente’, como acontece com o seu sinónimo ant. gal. *perviso*, quer dizer o partic. pass. do lat. PRAEVIDĒRE: PRAE-VĪSUS. Tanto *anviso* como *perviso* foram proficientemente abonados e comentados por Ramón Lorenzo no seu inestimável tesouro do galego antigo que vem a ser o Glossário de “La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla” (Orense, 1977), de nada menos de 1.342 páginas. Digamos ainda que um lema PRAEVĪSUS mereceria ser acolhido de futuro nos dicionários etimológicos románicos.

